

"SHOW"

Prepare-se para pagar caro, muito caro; e ainda assim vá preparado para ter a surpresa de ver que a nota ainda era maior do que você podia esperar. Quanto ao uísque, não digo nada. Há muito tempo deixei de acreditar nas mulheres, mas ainda continuei com alguma fé no uísque; hoje em dia eu acho que as mulheres é que andam menos falsificadas. O sr. Carlos Machado fornece as duas coisas no Casablanca, mulheres para os olhos, uísque para o estômago de quem o tiver bom. Leve seu livro de cheque e na hora de pagar chame o Luiz e reclame, que ele, com um ar aborrecido, sempre diminui alguma coisa, para não se aborrecer mais.

Dito isto, digamos com precipitação que o "show" é uma beleza. Terá muitas coisas dispensáveis e cacetes, como o infalível "ballet" e aquele número do Grande Otelo vestido de palhaço (ele está excelente em outros números, e ontem à noite entrou com uma bossa nova de cantar "a Prefeitura portuguesa com certeza"), além de algumas falas um tanto longas e de um golpe infeliz de queimar incenso cheiro que não combina com uísque nem falsificado nem bom, nem com nenhum outro líquido, a não ser água bença. Mas parece que tôdas essas coisas são obrigatórias; há tôda uma longa tradição de mau gosto vinda do falecido Cassino da Urca que inclui certas estridências exageradas da orquestra, certas marcações em que as belas girls que não estão no primeiro plano devem se imobilizar em posições tolas, etc., e essa tradição de mau gosto do "show" carioca ainda é demais para a gente ter a esperança de grande melhoria.

Mas, eu ia dizendo, o "show" é uma beleza; a rouparia é bonita; tem o Russo do Pandeiro, tem aquele sujeito tão sem graça pessoalmente mas tão craque na cuíca, tem a esplêndida Déo Maia, última flor do Lácio inculta e bela, derradeira mulata genial dos céus e dos infernos da Praça Tiradentes imortal — e tem mais, sem desfazer de ninguém porque deve haver outra gente boa que eu esqueci — tem mais Ataulfo Alves, mais magro, mais lento, mais imperial do que jamais com suas duas mil mulatas prazenteiras e tem a escola do Império Serrano, fabulosa, com seus inacreditáveis negros compridos, com seu ritmo, suas melodias, às vezes ainda guardando alguma coisa de rancho como naquele samba de "Joaquim José da Silva Xavier" em que, além deste, há outro verso lindo — "a Inconfidência de Minas Gerais". Não deixe de ver, Manuel Bandeira, não deixe de ver, Afonso Arinos! Digam ao Schmidt para convidar vocês. E' pelas alturas do final que o "show" toma realmente conta da assistência, num crescendo, numa riqueza, numa fascinação — é comovente, chega a ser empolgante, de tão bom e tão Brasil.

Se eu fosse perfeito entrava num acôrdo com o sr. Carlos Machado para levar esse "show" de graça para o grande público, uma ou duas vezes no Municipal — porque dá pena ver coisas tão belas ficarem privilégio dos freguezes do Casablanca, essa mistura de ritmos escuros com a meia nudez de mulheres de tôdas as côres que é uma consagração e uma depuração do Carnaval. Do melhor Carnaval, esse que através do sensualismo e da liberdade atinge a momentos de pureza, gratuidade, fervor integral e comunhão perfeita da criatura na multidão e no mundo. Uma beleza. (Ao piano, Britinho).

25/12/53 R. B.

504